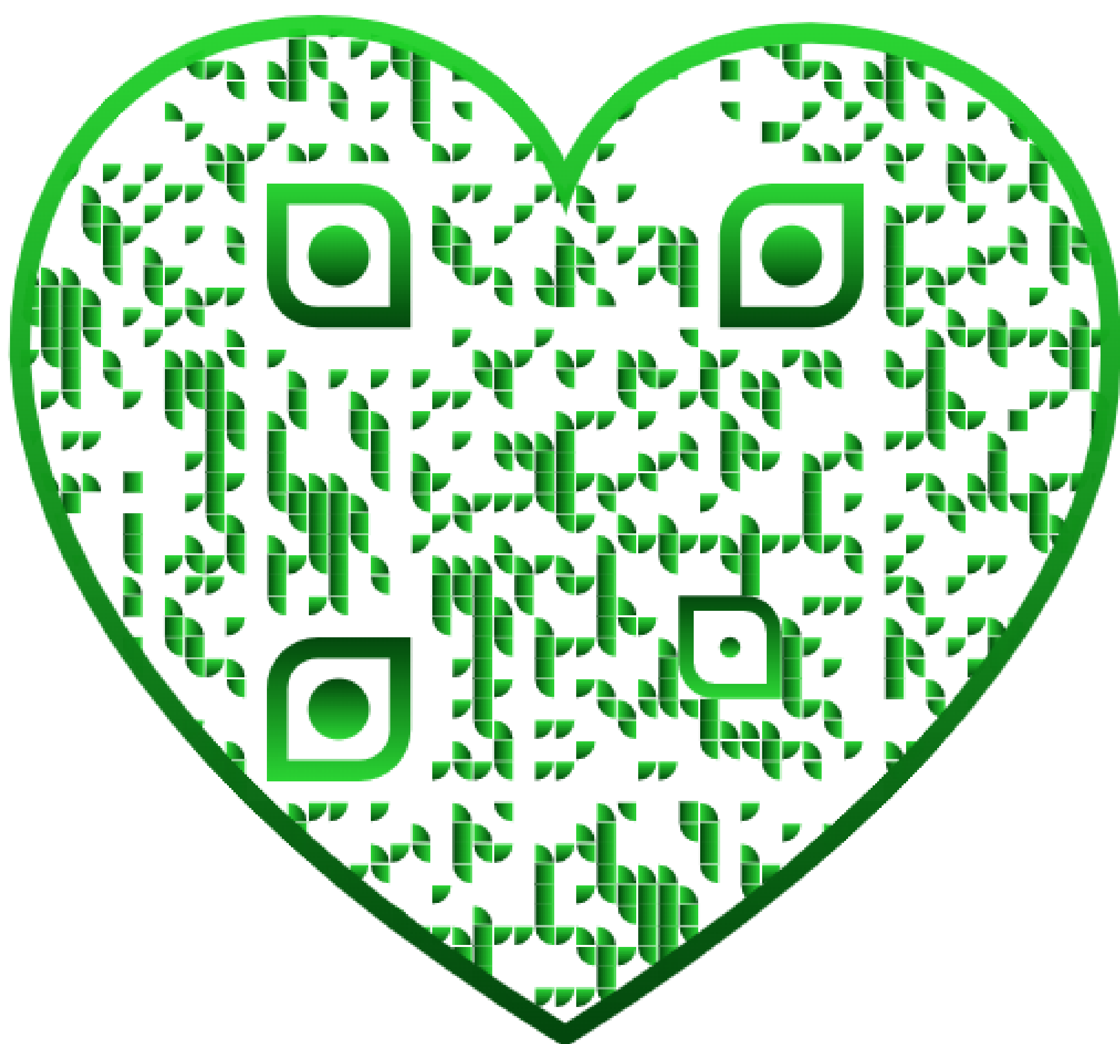


Seleções

READER'S DIGEST

12 MULHERES DA BÍBLIA

A vida e o tempo das mulheres do Antigo e do Novo Testamento



12 Mulheres da Bíblia reúne breves biografias de personagens marcantes do Antigo Testamento e do Novo Testamento. Descubra mais sobre Ester, Eva, Isabel, Judite, Lia, Maria, Miriam, Noemi, Raquel, Rebeca, Rute e Sara, que participaram direta ou indiretamente da trajetória de Jesus Cristo e enriqueceram o conteúdo do livro mais vendido do mundo com suas histórias. Neste ebook o leitor conhecerá um pouco melhor quem foram estes exemplos de fé, perseverança, força e amor a Deus.

Introdução

Registro inspirado do amor de Deus pela humanidade, a Bíblia nos oferece histórias de vários personagens fascinantes. Suas trajetórias e feitos são até hoje recontados nas páginas desse que é o livro mais vendido do mundo. Nomes como Abraão, Davi, Jó e Pedro, citando apenas alguns, cristalizaram-se no imaginário de diversas culturas cristãs ao longo dos séculos e através deles a doutrina vem sendo recontada e perpetuada.

Em um livro em que as emoções e desejos dos homens são retratados de maneira tão extensa, as mulheres também desempenham seu papel. Desde a criação da humanidade, onde a controversa figura de Eva deu início ao diálogo entre os sexos, até a emocionante vida de Maria, mãe de Jesus, com sua inestimável lição de amor e generosidade, muitas outras figuras femininas tiveram lugar na Bíblia. Elas ilustraram conflitos, dúvidas, relacionamentos e situações que, naquele tempo, eram mistérios insondáveis para o homem. Mas se a mera existência dessa perspectiva diferenciada já era valiosa, o que dizer da contribuição dada pelos feitos de Rute, Isabel, Judite?

Para celebrar a importância das mulheres nesse contexto, selecionamos 12 personagens e suas histórias para inspirar o leitor a se aprofundar nessa obra tão vasta: a Bíblia. Heroínas, rainhas, matriarcas, camponesas. Esposas, mães, irmãs e filhas. Independentemente da posição social representada, há mulheres preenchendo com beleza, coragem e resiliência cada uma das páginas do Antigo e do Novo Testamento. Em *12 mulheres da Bíblia* resgatamos estes exemplos, desejando que a mensagem delas continue sendo transmitida para futuras gerações.

Os editores.



ESTER

HEBRAICO: ESTER

"estrela"

Esposa judia do rei Assuero da Pérsia (conhecido na história como Xerxes I, 485-464 a.C.), Ester é a heroína do livro bíblico que leva seu nome, considerado uma das obras-primas da arte de contar histórias na literatura do Mundo Antigo.

O nome judeu de Ester era Hadassa, a palavra hebraica para murta. Ela nasceu em Susa, antiga capital do Elam, que tinha sido absorvida pela Pérsia. Era órfã desde tenra idade e foi criada por um primo mais velho chamado Mardoqueu. Sua família tinha sido trazida prisioneira de Judá alguns anos antes, após a conquista de Jerusalém por Nabucodosor em 587

a.C.

Depois que sua esposa Vasti humilhou-o ao se recusar a cumprir uma ordem de comparecer a um banquete real, Assuero ordenou que se procurasse uma nova rainha para substituí-la. Ester, uma criada “de corpo bonito e aspecto agradável” (Est 2,7), estava entre as muitas jovens trazidas para o harém e submetidas aos cuidados do eunuco real Egeu. Mas Mardoqueu continuava a ficar de olho nela – então conhecida pelo nome persa Ester, da palavra estrela – e cuidou que ela não abandonasse sua identidade judia. Por um ano Ester foi treinada nas artes do harém e, quando finalmente apareceu diante do rei, “ele a preferiu a todas as outras mulheres; diante dele alcançou favor e graça mais que qualquer outra moça” (Est 2,17). Assuero prontamente nomeou Ester sua rainha.

Um dia em que Mardoqueu demorou-se perto do palácio, ouviu por acaso dois guardas tramando o assassinato do rei. Ele rapidamente transmitiu a notícia para Ester, que falou ao rei, e os dois guardas foram enforcados. Logo depois o rei nomeou Amã, do país de Agag, como seu grão-vizir. Depois que Mardoqueu foi o único entre os espectadores no portão do palácio a não curvar-se em deferência a Amã quando ele passou de carro, o furioso grão-vizir tramou a destruição não só de Mardoqueu, mas de toda a população judia do reino. Para obter uma data propícia, ele tirou a sorte e obteve o dia 13 do mês 12, que é *Adar*.

Quando o decreto foi publicado, Mardoqueu apelou para que Ester interviesse a favor dos judeus junto ao rei. Ela se arriscou a aparecer perante o rei sem ser convocada, mas foi calorosamente recebida e o rei disse que qualquer pedido que ela fizesse seria concedido. Primeiro ela pediu ao rei para convidar Amã para um banquete, que ela daria nessa noite. Amã aceitou, divertiu-se e foi convidado para outro banquete na noite seguinte. A sua alegria com o recente favor encontrado perante a rainha se acabou quando ele deparou novamente com um Mardoqueu altivo no portão do palácio.

Ignorando seu anúncio anterior da data para matar os judeus, Amã decidiu ir atrás de Mardoqueu imediatamente. Mandou construir uma forca bem alta e foi ao palácio para obter permissão para enforcar Mardoqueu nela. Por coincidência, porém, o rei estava com insônia e pedira para lerem o diário real para ele. Casualmente, ele soube que Mardoqueu salvara sua vida e percebeu que ele não tinha sido recompensado. Quando Amã apareceu, o rei lhe pediu conselho: “Como se deve tratar um homem a quem o rei quer honrar?” (Est 6,6). Imaginando que o rei se referia a ele,

Amã sugeriu um cortejo real em sua honra. Então o rei mandou que Amã fizesse "tudo o que acabas de dizer ao judeu Mardoqueu, funcionário da Porta Real" (Est 6,10).

Um final feliz

Nessa noite, após o segundo jantar com Amã, Ester revelou sua identidade judia, depois falou da trama para matar seu povo, apontando Amã como a pessoa por trás do plano sórdido. Enfurecido, o rei deixou a sala para pensar num destino apropriado para Amã. Lançando-se aos pés da rainha, o grão-vizir aterrorizado fez um apelo patético a Ester por sua vida. O rei voltou para a sala, pensou que Amã estivesse atacando a rainha e ordenou que o retirassem e enforcassem imediatamente – na mesma forca que ele construíra para Mardoqueu. O rei recompensou Ester com todos os bens de Amã, deu o anel com sinete de Amã para Mardoqueu, indicando que ele substituiria Amã como grão-vizir, podendo publicar editais, e revogou o edito de Amã contra os judeus.

PURIM

Tanto judeus como cristãos na Antiguidade opunham-se a incluir o livro de Ester no cânone bíblico – em parte porque o texto original não contém qualquer referência a Deus e em parte porque a festa de Purim mencionada nele era imaginada como de origem pagã. A primeira objeção foi resolvida pelos acréscimos apócrifos a Ester, seis passagens longas totalizando 107 versículos, que comumente aparecem como capítulos 11 a 16 nas Bíblias católicas, embora possam também ser integrados ao texto.

*Os biblistas tentaram ligar o festival judeu com a festa do Ano-Novo babilônica (*purhru*) e a festa persa (*purdighan*), também do Ano-Novo. De fato, Purim é uma festa celebrada nos dias 14 e 15 de* Adar*, último mês do ano bíblico, que corresponde a fevereiro-março.*

O novo decreto dizia que os judeus podiam ajustar as contas com seus inimigos no dia 13 do mês 12, o mês de *Adar*, dia escolhido por Amã para matar os judeus. O dia seguinte, 14, tornou-se um dia de festa, ainda hoje

celebrado como Purim, em referência irônica à inversão da sorte dos judeus por ter Amã tirado a sorte (*pur*, em hebraico).

A história de Ester é das mais conhecidas da Bíblia, em parte porque tem sido lida em todo o mundo onde os judeus celebram o Purim. Outra razão é seu estilo narrativo; há muito os especialistas observaram as diversas técnicas fascinantes usadas na história: cenário exótico, ação rápida, humor, intriga, suspense, inversões repentinas, ironias divertidas e um final feliz.

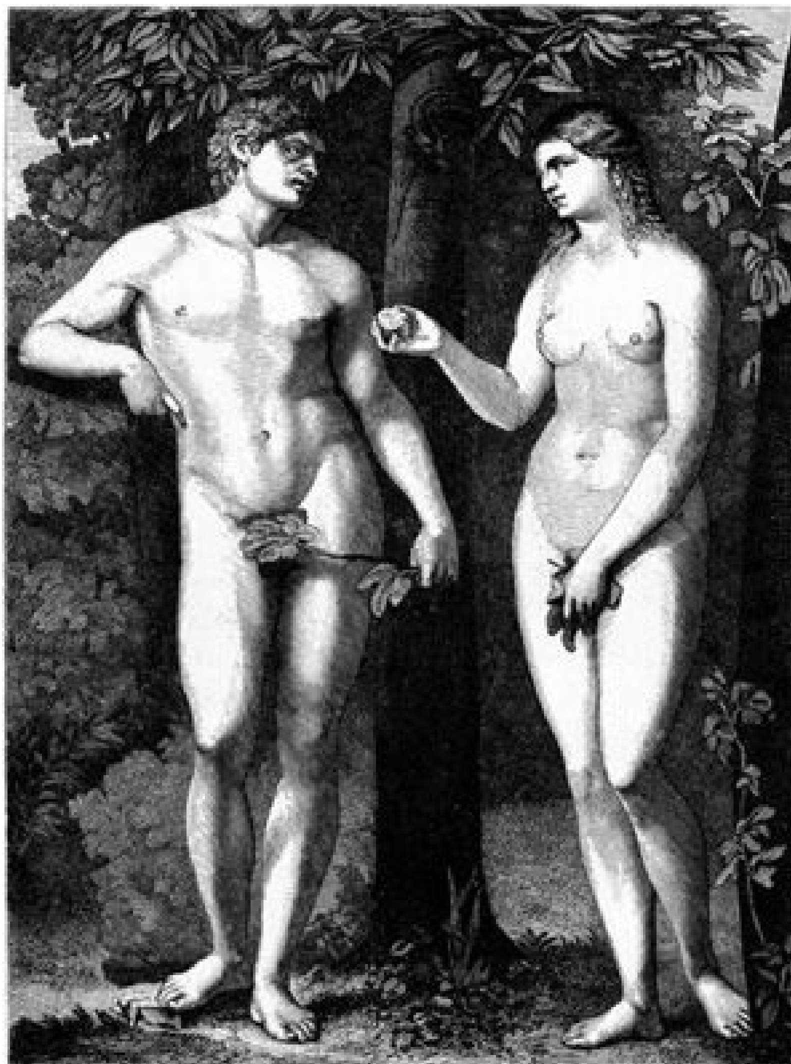
Uma lenda recontada?

É precisamente seu estilo que leva alguns biblistas a considerar a narrativa do livro de Ester como uma obra de ficção. O próprio uso dos nomes Ester e Mardoqueu corrobora este argumento, ligando a história às divindades babilônicas Ishtar e Marduc (também primos), e pode indicar uma lenda persa que os judeus, que viviam no cativeiro, começaram a recontar com finalidade diferente. Outros, porém, veem uma base histórica para a história por causa de seu conhecimento detalhado dos costumes e práticas e sua atenção cuidadosa aos nomes, inclusive dos personagens periféricos. Citam também a evidência arqueológica de um funcionário persa chamado Marduka, que viveu no tempo de Ester. Outro argumento em favor da autenticidade é que o livro contém a abertura convencional de um relato histórico e termina com a referência típica a fontes, como se encontra em outros livros históricos do Antigo Testamento.

Em resposta a essa tese, os críticos dizem que não foi encontrada nenhuma evidência de uma rainha para Xerxes chamada Vasti ou Ester. Eles argumentam também que suas características narrativas são mais típicas da literatura popular da época do que de registros históricos que sobreviveram. Como evidência, citam a demora de Ester em apresentar seu pedido ao rei; a inversão precisa da sorte de Amã e Mardoqueu; a violência plástica com que o povo se vinga – todos truques de um bom contador de histórias para tornar sua mensagem mais memorável.

Seja qual for o tipo de literatura, o autor foi provavelmente alguém com ótimo conhecimento dos costumes persas, que muito provavelmente viveu antes da derrota da Pérsia para Alexandre, o Grande, em 331 a.C. O Talmude atribui a autoria do livro de Ester aos retornados do cativeiro da Babilônia que restabeleceram o culto em Jerusalém e começaram a reconstruir o Templo no tempo de Esdras e Neemias.

Outro debate, de maior alcance ainda, deu-se sobre a finalidade religiosa da história. De fato, o livro de Ester foi um dos últimos a serem aceitos tanto pelo cânone escriturístico hebraico como cristão. Uma razão: ele e o Cântico de Salomão são os únicos livros na Bíblia nos quais o nome de Deus não é mencionado e em que atividades religiosas específicas não são o foco. Possivelmente como tentativa de rebater essas objeções, logo surgiu uma versão mais longa do livro de Ester, com seis passagens adicionais contendo 107 versículos não encontrados no texto hebraico de Ester. O material adicional inclui menções frequentes a Deus e orações, sua aliança com Israel e denúncias dos gentios; um sonho de Mardoqueu prevendo sua descoberta da trama contra o rei e a libertação dos judeus; e as palavras "reais" dos decretos de Assuero. Em alguns casos, em contradição com o texto mais antigo, essas chamadas "adições" a Ester nunca estiveram na Bíblia hebraica e hoje estão reunidas nos Apócrifos do Antigo Testamento.



EVA

HEBRAICO: HAWWAH

"vida" ou "doadora de vida"

Como primeira mulher e esposa de Adão, Eva é protagonista no drama dos primeiros capítulos do Gênesis. O nome Eva é, de fato, a terceira designação dada à primeira mulher. Em Gênesis 1 e 5, homem e mulher são uma criação conjunta por Deus e, no capítulo 5, são chamados com o termo hebraico *adam*, que quer dizer ser humano: "Homem e mulher ele os criou, abençoou-os e lhes deu o nome de Homem [*adam*]" (Gn 5,2). Em Gênesis 2,23, porém, a mulher recebe uma designação à parte: "Ela será chamada Mulher [*isha*], porque foi tirada do homem [*ish*]". Seu terceiro nome, Eva, foi dado por seu marido quando o casal está para deixar o jardim do Éden e

é um jogo de palavras com o verbo hebraico *hayya*, que significa viver ou vivente. A mulher dará à luz os filhos de seu marido e por isso será "a mãe de todos os viventes" (Gn 3,20). No mesmo contexto, a palavra *adam* começa a ser usada como nome próprio para o primeiro homem da criação.

A conhecidíssima história da criação separada da mulher está em Gênesis 2. No capítulo 1, Deus fizera um único ser humano do pó e lhe dera o jardim do Éden onde viver. Mas a criatura estava só. Por isso Deus criou os animais, mas não conseguiu encontrar entre eles um auxiliar adequado para o humano. O verdadeiro companheiro do homem devia vir de seu interior. Por isso Deus tomou-lhe uma costela e a partir dela fez, maravilhosamente, uma mulher, que ele levou ao homem. Contente, ele disse: "Finalmente alguém como eu! Esta, sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne" (Gn 2,23). Deus fez um ser humano homem e mulher.

Vivendo no jardim, os dois eram inocentes do conhecimento do bem e do mal, pois Deus alojara esse conhecimento dentro de uma árvore no centro do jardim, avisando a eles para não comerem de seu fruto, porque no dia em que dela comessem, morreriam. Certo dia, a mulher encontrou uma serpente, descrita como o mais astuto de todos os animais, e começaram a conversar sobre o fruto proibido. A serpente lhe disse que o fruto não a mataria, mas, antes, ofereceria uma sabedoria especial. "Vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal" (Gn 3,5), prometeu o tentador.

Enquanto a mulher avaliava os perigos do fruto contra os supostos benefícios, atravessou uma linha divisória para fazer a primeira escolha moral – que foi errada, como ficou claro. Comeu do fruto e deu um pedaço para seu marido. Seus olhos realmente se abriram, mas não para que eles se vissem como deuses. Ao contrário, viram que eram fracos, nus e medrosos. Deus censurou-os; porém, em vez de impor a morte imediata com que os ameaçara, obrigou o casal a sair do jardim e castigou a mulher com as dores do parto e tornando-a sujeita ao marido.

A história de Eva não é mencionada em qualquer outro lugar no Antigo Testamento, em parte porque a doutrina da queda do homem ainda não fora desenvolvida quando a Bíblia hebraica foi posta por escrito. Desde o século II a.C., porém, as reflexões sobre a origem do mal levaram a ensinamentos que acusavam Eva, ou Adão, ou ambos pelo surgimento do pecado e da morte no mundo. Na teologia cristã posterior, Eva foi vista frequentemente como o equivalente negativo de Maria, a mãe de Jesus.



ISABEL

HEBRAICO: ELISHEBA

“meu Deus é abundância” ou “Sheba é meu Deus”

Isabel era a esposa do sacerdote Zacarias e mãe de João Batista. Tanto ela como o marido eram descendentes de Aarão e, portanto, membros de uma família sacerdotal. Os dois eram “de idade avançada” (Lc 1,7) e não tinham filhos, o que os entristecia. Mas certo dia, enquanto Zacarias queimava incenso no tempo, um anjo apareceu e anunciou que Isabel daria à luz um filho que “será grande diante do Senhor” (Lc 1,15). Depois que Isabel concebeu, “se manteve oculta por cinco meses” (Lc 1,24).

Quando Isabel estava no sexto mês de gravidez, sua parente Maria ouviu do anjo Gabriel que também teria um filho, e a jovem virgem partiu

para visitar a velha senhora. Ao ver Maria, Isabel gritou: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre!” (Lc 1,42). Ao ouvir as palavras de saudação a Maria, a criança estremeceu de alegria no ventre dela. Quando seu filho nasceu, os parentes e vizinhos de Isabel juntaram-se a seu regozijo, mas não entendiam por que ela insistia em que o menino se chamasse João, dizendo: “em tua parentela não há ninguém que tenha este nome” (Lc 1,61). Zacarias, temporariamente mudo, endossou a escolha por escrito. Isabel conseguiu o que queria. Nem Isabel nem Zacarias são mencionados novamente no Novo Testamento. A menção enigmática de que a criança “habitava nos desertos, até o dia em que se manifestou a Israel” (Lc 1,80) leva alguns a pensar que João foi entregue a uma seita religiosa austera para ser criado, talvez os essênios.



JUDITE

HEBRAICO: YEHUDIT

“judia”

Salvadora de sua cidade e de seu povo, Judite é a heroína de uma grande saga judia. O livro de Judite pertence aos Apócrifos. Provavelmente uma colagem de vários personagens, Judite foi criada para incorporar coragem e patriotismo, bem como servir de modelo para gerações futuras. Escrito, é bem provável, por um judeu palestino do século II a.C., o relato pungente sobreviveu em várias versões gregas e latinas, embora

o original hebreu tenha se perdido. A obra contém erros cronológicos, históricos e geográficos e já foi considerada uma fábula inconsequente. Entretanto, alguns estudiosos defendem que os erros são intencionais,

artifício usado na época para rotular o livro como ficção.

A história tem lugar à época em que os judeus “haviam recentemente voltado do cativeiro” (Jt 4,3) – ou seja, em algum momento depois de 538 a.C. No entanto, o inimigo Nabucodonosor conquistara Jerusalém cinco décadas antes e morrera em 562. Quando aparece na história, Judite é apresentada como portadora de vasta genealogia, embora a maioria dos nomes seja inidentificável. Diz-se que ela viveu em Betúlia, situada num desfiladeiro na região montanhosa da Judeia. Como não se conhece um lugar com esse nome, Betúlia pode ser sido usado de forma simbólica ou como pseudônimo para a conhecida Siquém.

Quando Judite entra na história, na metade do relato, Betúlia está sob o cerco do exército de Nabucodonosor há um mês. Furioso porque os povos da Pérsia, da Síria, do Líbano, da Palestina e do Egito haviam recusado seu pedido de assistência em sua recente vitória contra os medos, Nabucodonosor enviara seu comandante Holofernes ao Ocidente em uma missão punitiva. Os soldados eram “incontáveis como gafanhotos, como a areia da terra, tal a sua quantidade” (Jt 2,20). Cento e vinte mil soldados de infantaria e 12 mil arqueiros a cavalo avançavam, destruindo as nações pelas quais passavam.

Quando Holofernes se aproximou de suas terras, os israelitas se prepararam para enfrentá-lo nos estreitos desfiladeiros que levavam à Judeia. Atrás de informações, Holofernes ouviu de Aquior, chefe dos amonitas, que deveria deixar os judeus em paz, pois eles não haviam pecado contra seu Deus e seriam imbatíveis. Um orgulhoso Holofernes, então, indagou a Aquior: “Quem é Deus além de Nabucodonosor?” (Jt 6,2), banindo o falastrão amonita para Betúlia. Durante o reconhecimento nos arredores de Betúlia, Holofernes foi aconselhado a tomar e controlar o suprimento de água para as cidades do interior, em lugar de sacrificar seus soldados na tentativa de tomar locais fortificados. Após 34 dias de sofrimento, os poços de Betúlia estavam secos. Em meio à crise, Judite surge para repreender os anciãos da cidade por colocarem Deus à prova dessa forma.

O marido de Judite, Manassés, morrera mais de três anos antes, deixando-lhe um patrimônio vultoso, que ela conseguiu conservar. Conhecida pela beleza, Judite era igualmente respeitada por sua devoção a Deus e por isso foi ouvida quando apresentou seu plano para deixar a cidade, naquela noite, com a criada.

Em seguida, Judite voltou em casa para despir suas roupas de viúva,

banhar-se e preparar-se para “seduzir os homens que a vissem” (Jt 10,4). Judite partiu de Betúlia com a criada carregando vinho, azeite e alimentos, para ir ao encontro de uma patrulha assíria, à qual disse que tinha uma mensagem para Holofernes. Quando foi levada à tenda de Holofernes, Judite contou ao general que o povo estava prestes a pecar por comer e beber o que lhes era proibido. Ofereceu-se para permanecer no acampamento, unicamente para rezar toda a noite junto a uma fonte no vale, de modo a se inteirar do momento em que os judeus pecassem, ficando, assim, vulneráveis à conquista. Judite, então, entraria à frente do exército em Betúlia e dali seguiria com ele para Jerusalém.

Judite salva os israelitas

Judite ficou no acampamento estabelecendo sua rotina noturna por três dias. No quarto, Holofernes mandou seu eunuco convidá-la para um banquete. Judite “se adornou com suas vestes e com todos os seus enfeites femininos” (Jt 12,15). Quando, mais tarde, os dois ficaram sozinhos, Judite pegou a espada, segurou Holofernes pelos cabelos e cortou-lhe a cabeça. Em seguida, entregou à criada a cabeça ensanguentada para ser guardada no alforje de alimentos. Então retornaram a Betúlia.

Reunidos à volta do fogo, os anciãos observaram perplexos Judite mostrar a cabeça de Holofernes. Na manhã seguinte, ao ver os judeus se aproximarem ostensivamente, os assírios foram despertar Holofernes, descobrindo seu corpo decapitado. Confusos, os soldados fugiram em todas as direções, enquanto os israelitas se apressavam em destruir todos os acampamentos inimigos. Nesse ínterim, Aquior, vendo o poder do Deus de Israel, converteu-se à sua crença.

Ao longo dos 30 dias de saques que se seguiram, o sumo sacerdote Joaquim veio de Jerusalém para saudar Judite. Ela foi louvada pelas mulheres de Israel, recebeu os pertences de Holofernes e, depois de entoar um hino de ação de graças, foi levada a Jerusalém, onde ofereceu ao Senhor tudo o que pertencera a Holofernes. Judite voltou a Betúlia, para sua propriedade. Libertou a serva e viveu até a idade madura de 105 anos. Foi enterrada em sua sepultura, e Israel inteira chorou a morte dela durante uma semana.



LIA

HEBRAICO: LEAH

"vaca selvagem"

A mais velha das duas filhas de Labão, Lia, não tinha a mesma beleza de sua irmã Raquel. Seus olhos são descritos como ternos, mas nenhum outro detalhe físico é revelado na Bíblia. Ela se tornou esposa de Jacó somente por meio do estratagema enganoso de Labão, que a pôs no lugar de Raquel na noite de núpcias, e sempre soube que seu marido preferia a segunda mulher, Raquel. Por um lado, quando esta lhe pediu que buscasse raízes de mandrágora para fertilidade, Lia respondeu-lhe amargamente: "Não é bastante que me tenhas tomado o marido?" (Gn 30,15). Mas Lia teve mais sorte do que a irmã mais nova num ponto importante: "O Senhor viu

que Lia não era amada e a tornou fecunda” (Gn 29,31). Ela gerou seis filhos e uma filha para Jacó, enquanto sua criada Zelfa deu-lhe mais dois filhos antes que Raquel fosse capaz de ter seus próprios filhos.

Os filhos de Lia eram Rúben, Simeão, Levi, Judá, Issacar e Zabulon, ancestrais da metade das tribos de Israel. Os filhos de Zelfa foram Gad e Aser. A rivalidade deles para com José, filho de Raquel e favorito de Jacó, teve consequências extraordinárias para a história de Israel. Levi e Judá – apesar do rompante de barbárie por parte de Levi – tornaram-se ancestrais, respectivamente, do sacerdócio e da monarquia que viria sob Davi.

Quando Jacó resolveu deixar os 20 anos de servidão a Labão, tanto Lia quanto Raquel encorajaram-no, dizendo: “Temos nós ainda uma parte e uma herança na casa de nosso pai? Não nos considera como estrangeiras, pois nos vendeu e em seguida consumiu nosso dinheiro?” (Gn 31,14-15) – referindo-se ao dinheiro ganho pelos serviços de Jacó, que possibilitaram que Labão enriquecesse. Esse azedume contra um pai que não era amoroso certamente ajudou as irmãs a abandonar a casa paterna para sempre.

Quando Lia morreu, alguns anos após a irmã, Jacó sepultou-a na gruta de Macpela, que Abraão comprara para Sara e onde Isaac e Rebeca também tinham sido enterrados. Raquel e Lia são louvadas como mulheres “que formaram a casa de Israel” (Rt 4,11).



MARIA

GREGO: MARIA, MARIAM HEBRAICO: MIRYAM

Possivelmente "vidente" ou "senhora"

Maria é uma personagem central nos dois relatos evangélicos do nascimento de Jesus e, nos últimos séculos, tornou-se um foco importante da teologia e piedade cristãs. Dada a importância de Maria na história do cristianismo, é surpreendente que seja raramente mencionada no Novo Testamento fora das narrativas do nascimento. Ela não é explicitamente citada nas cartas do Novo Testamento e é mencionada somente uma vez no livro dos Atos. Embora figure em dois episódios importantes, o Evangelho de João não cita seu nome, e o de Marcos o faz apenas uma vez. No entanto, seu brilho é grande nas narrativas do

nascimento de Jesus, nos capítulos iniciais dos Evangelhos de Mateus e Lucas, sendo que particularmente Lucas dá ao leitor uma impressão marcante do caráter e da força de Maria.

Maria era uma virgem de Nazaré prometida a um homem de nome José, ou seja, eles estavam legalmente comprometidos a se casarem, mas ainda não moravam juntos. Não se dá a conhecer a idade de Maria, mas devia ser bastante nova. Nada se diz tampouco sobre sua ascendência, exceto que era parenta de Isabel, a mãe de João Batista. A certa altura do período de noivado – geralmente de um ano de duração –, o anjo Gabriel apareceu a Maria e anunciou que ela teria um filho, que se chamaria Jesus, um sucessor real do rei Davi. Quando Maria objetou que não tinha marido, o anjo lhe disse: "O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com sua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus". Sendo um exemplo permanente de fé obediente, ela respondeu: "Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra" (Lc 1,35-38).

Logo em seguida, Maria foi visitar a idosa parenta Isabel, que estava no sexto mês de gravidez. Quando Maria saudou-a, o filho de Isabel estremeceu de alegria em seu ventre. Isabel ficou cheia do Espírito Santo e exclamou: "Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre!" (Lc 1,42). Maria respondeu à saudação de Isabel com um poema comumente conhecido (por causa de sua primeira palavra em latim) como *Magnificat*. Ao incluir este poema, Lucas revela Maria, jovem como era, como profundamente perceptiva. Ela estava profundamente consciente de sua "insignificância" e de que fora elevada por uma bênção de Deus, que "todas as gerações" reconheceriam (Lc 1,48-49). Ela ligou sua experiência própria diretamente com a crença de que Deus estava agora ajudando "seu servo Israel", visto que ele "dispersou os homens de coração orgulhoso" e "depôs poderosos de seus tronos", ao passo que "a humildes exaltou" e "cumulou de bens os famintos" (Lc 1,51-53). À medida que se desenvolveram os acontecimentos do nascimento de Jesus, Maria continuou a meditar sobre eles, ou, nas palavras de Lucas, "Maria conservava cuidadosamente todos esses acontecimentos e os meditava em seu coração" (Lc 2,19).

O curso dos acontecimentos levou Maria a altos e baixos. Começou com a ameaça de divórcio por parte de José, que foi impedido por uma garantia angélica de que a concepção dela "vem do Espírito Santo" (Mt 1,20). Incluiu a longa viagem a Belém, o fato de dar à luz num estábulo, usar a palha como berço para o recém-nascido, pastores dizendo que os anjos anunciaram o

nascimento do Messias, profetas idosos no Templo exaltando seu filho de um mês de idade, magos que vieram do Oriente longínquo com presentes maravilhosos para seu filho, anjos avisando que o rei Herodes, o Grande, tentaria matar o bebê, fuga para o Egito e, finalmente, a volta à Palestina e a ida a Nazaré, onde foram morar. Maria tinha realmente muito a meditar.

Durante os 30 anos entre o nascimento de Jesus e sua vida pública, Maria não é mencionada nos Evangelhos. Apenas Lucas relata um acontecimento dos primeiros anos de Jesus. Aos 12 anos Jesus fez uma peregrinação com os pais para a festa da Páscoa em Jerusalém. Ficou no Templo enquanto a família voltava para casa. Quando, preocupados, Maria e José voltaram para procurá-lo, encontraram-no no Templo, na “casa de meu Pai” (Lc 2,49), como disse Jesus.

Passagens do Evangelho que se referem a Jesus como o “filho primogênito” de Maria (Lc 2,7) ou elencam “os seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas” e mencionam “as suas irmãs” (Mt 13,55-56) aparentemente indicam que, depois do nascimento de Jesus, Maria viveu simplesmente como esposa de José e teve vários filhos. No entanto, no fim do século II, desenvolveu-se uma importante tradição na igreja de que Maria não só era virgem quando Jesus foi concebido, mas permaneceu virgem até sua morte. Se a tradição for aceita, a vida de Maria foi bem diferente: ela nunca consumou o casamento com José nem teve outros filhos. As referências bíblicas aos “irmãos” e “irmãs” não podem, pois, ser tomadas em seu sentido comum, mas como se referindo a alguma outra relação, talvez de primos, como alguns sugerem, ou filhos e filhas que José teve de outro casamento não registrado.

Estimulando o primeiro milagre

Maria provavelmente estava no final dos seus 40 anos quando Jesus começou seu ministério. Alguns intérpretes acreditam que ela era viúva nessa época, mas os Evangelhos não o dizem explicitamente, e algumas passagens parecem indicar que José estava vivo e era conhecido por seu parentesco com Jesus. Toda vez que Maria é mencionada durante o ministério de Jesus, há uma distância entre Jesus e sua mãe.

No incidente mais ilustre envolvendo Maria, o casamento em Caná, é a mãe de Jesus que informa simplesmente: “Eles não têm mais vinho” (Jo 2,3). A resposta de Jesus é surpreendente por sua aspereza: “Que queres de mim, mulher? Minha hora ainda não chegou” (Jo 2,4). A declaração revela

não que Jesus foi descortês com a mãe, mas que seu ministério tinha um cronograma próprio, que não podia ser apressado nem mesmo por sua própria mãe. Mas Maria não foi dissuadida pelas palavras de Jesus e mandou os servos fazerem o que ele pedisse, indicando que ela já percebia o poder notável de Jesus. Então Jesus fez seu primeiro milagre, transformando água em vinho, para salvar os donos da festa de um embaraço.

A INFÂNCIA DE MARIA

Segundo o Protoevangelho de Tiago, do século II, Maria era filha do casal Joaquim, que era um homem rico, e Ana, que era estéril – uma história obviamente baseada no relato do nascimento de Samuel, filho de Ana.

Desde os seis meses de idade, a criança foi conservada pura num "santuário em seu quarto de dormir", cuidada por "moças puras dos hebreus". Aos três anos, Maria foi levada para viver no Templo em Jerusalém, sendo alimentada pela "mão de um anjo". À medida que se aproximava da puberdade, quando seria obrigada a abandonar os recintos sagrados, Maria foi entregue aos cuidados de um viúvo idoso chamado José.

De modo diferente dos Evangelhos canônicos de Mateus e Lucas, o Protoevangelho faz de Maria a personagem central de sua narrativa. Ela é a criança longamente antecipada, é sua infância que reflete os relatos do Antigo Testamento, é ela que é suscitada a servir ao Senhor, seu nome é que deve ser lembrado pelas gerações futuras.

Mais tarde, quando a controvérsia girava em torno de Jesus, "os seus tomaram conhecimento disso, e saíram para detê-lo, porque diziam: 'enlouqueceu'" (Mc 3,21). Eles podiam estar preocupados com a segurança de Jesus em meio a acusações de possessão demoníaca, mas Jesus recusou-se a dar atenção a eles. Embora se diga pouca coisa mais sobre Maria durante esse período, Jesus certamente a tinha em alta estima, pois em mais de uma ocasião ele destacou a importância do mandamento de "honrar pai e mãe" (Mt 15,4).

A honra de Jesus por sua mãe manifestou-se de modo supremo em sua

crucificação. Quando estava morrendo, Jesus carinhosamente recomendou Maria, que estava de pé ao lado da cruz, aos cuidados do “discípulo a quem amava” (Jo 19,26). É evidente que desde então ela considerou esse discípulo amado como seu filho e ficou algum tempo com ele. Depois da ressurreição de Jesus, Maria permaneceu em Jerusalém com o grupo dos – talvez – 120 discípulos. Durante os anos seguintes ela pode ter estado presente quando Tiago, que Paulo chama de “o irmão do Senhor” (Gl 1,19), projetou-se para tornar-se o chefe da igreja de Jerusalém. É muito provável que Tiago fosse seu segundo filho (ou, se a tradição posterior está correta, talvez um meio-irmão ou primo de Jesus). O Novo Testamento nada mais diz sobre a vida posterior de Maria ou sua morte.

Muitos detalhes sobre a vida de Maria não fornecidos pela Bíblia logo começaram a ser preenchidos pelas tradições sempre em expansão. Por volta do fim do século II, alguns teólogos cristãos tinham feito a analogia de que, assim como Jesus era o segundo Adão, Maria seria a segunda Eva. Mais ou menos no mesmo período, uma narrativa complicada da vida de Maria, conhecida hoje como o Protoevangelho de Tiago, começou a circular. Segundo essa obra, a parteira que ajudou no parto de Jesus deu seu testemunho de que os sinais físicos da virgindade de Maria continuavam intactos mesmo depois de o filho ter nascido.

Com sua ênfase na pureza de Maria, o Protoevangelho de Tiago lançou a base para a doutrina da virgindade perpétua. Segundo ele, a virgindade de Maria é muito mais do que o estado físico que mostrou que o nascimento de Jesus foi um ato miraculoso de Deus. De acordo com a crescente piedade ascética, a virgindade dela foi vista como um estado especial de pureza espiritual que podia ser manchada por relações sexuais, mesmo com o marido. Por volta do século IV, essa percepção era tão dominante que os principais escritores cristãos condenaram como hereges aqueles que diziam que Maria se casara com José e tivera filhos dele. A partir dessa data, “virgem” passou a fazer parte permanente de seu nome, geralmente na frase reverente “Bem-aventurada Virgem Maria”.



As doutrinas referentes a Maria continuaram a se desenvolver durante o século V, quando surgiu a controvérsia nestoriana sobre a natureza de Cristo. Maria devia ser propriamente dita "Mãe de Cristo" como Nestório, patriarca de Constantinopla dizia, ou "Mãe de Deus", como Cirilo, patriarca de Alexandria, sustentava? No ambiente politicamente carregado do Concílio de Éfeso em 431, Nestório foi deposto e Maria foi oficialmente afirmada como Mãe de Deus.

O dogma de que Maria foi concebida sem pecado original (a "Imaculada Conceição") foi debatido durante a Idade Média, mas oficialmente definido pela igreja católica em 1854. A doutrina de que após sua morte Maria foi assumida corporalmente ao Céu (a "Assunção de Maria") foi amplamente aceita por volta do século VI, mas oficialmente definida como artigo de fé pelos católicos somente em 1950.

O papel teológico de Maria determinou uma linha divisória entre as igrejas protestantes, católicas e ortodoxas orientais. A veneração a Maria

foi forte entre os católicos desde a Idade Média e encontrou miríades de formas de expressão, inclusive o uso do Rosário, festas da Bem-aventurada Virgem Maria, incontáveis igrejas dedicadas a "Nossa Senhora", e peregrinações a Lourdes, Fátima e Aparecida, onde se diz que Maria fez aparições miraculosas. Mas os reformadores protestantes criticaram a superestrutura rebuscada de lenda, especulação teológica e glorificação que a igreja medieval ergueu em torno da figura de Maria, a mãe de Jesus. Em ambos os lados da divisão teológica, porém, Maria continua a ser uma figura fascinante e amada.



MIRIAM

HEBRAICO: MIRYAM

Possivelmente "vidente"; "senhora"

A primeira aparição dramática de Miriam é no livro do Êxodo, e ela raramente é mencionada nas Escrituras posteriores. Todavia, é uma personagem importante na história de Israel. Foi a primeira mulher a receber o título de profetisa e foi também líder política com seus irmãos Moisés e Aarão. Seja como instrumento de Deus, como heroína carismática de seu povo errante ou como rebelde contra a autoridade divina, ela sempre é vista no contexto de acontecimentos decisivos.

Quando Moisés, aos três meses de idade, foi deixado flutuando num cesto de junco entre a vegetação ribeirinha do Nilo, sua irmã ficou

observando de longe. Seus sentimentos não estão descritos, mas seu autocontrole e sua reação rápida logo se revelaram. Quando a filha do faraó viu a criança chorando, Miriam se aproximou e se ofereceu para encontrar uma ama hebreia. Seu estratagema escondia a reunião do bebê com sua mãe Jocabed. Portanto, foi Miriam quem ajudou a mudar o curso da história ao proteger o bebê que se tornaria o maior líder espiritual de Israel.

Depois, Miriam é mencionada – desta vez pelo nome – dirigindo uma dança de vitória das mulheres para comemorar a salvação de Israel dos egípcios e a submersão dos carros e soldados do faraó no Mar dos Juncos. As famosas palavras do cântico de vitória estão entre os mais antigos versos poéticos das Escrituras: “Cantai ao Senhor, pois de glória se vestiu; ele jogou ao mar cavalo e cavaleiro” (Ex 15,21). Aqui Miriam é explicitamente chamada de profetisa, talvez porque sua música e canto propiciaram uma euforia espiritual que foi uma forma de êxtase.

A terceira menção de Miriam sugere, infelizmente, que o orgulho pelo seu *status* de guia espiritual levou a um desastre. Dizendo que eram iguais a Moisés como profetas, ela e Aarão se rebelaram contra o irmão. Perguntaram: “Falou, porventura, o Senhor somente a Moisés? Não falou também a nós?” (Nm 12,2). Os biblistas acham que o fraseado do original hebraico implica que foi Maria quem instigou e que Aarão simplesmente a seguiu.

Ironicamente, Moisés se mostrara ansioso para dividir o peso da liderança e o dom da profecia, mas este não era o plano de Deus. Furioso, o Senhor confrontou os rebeldes numa coluna de nuvem e definiu o *status* único do irmão deles: “Com ele falo face a face, claramente e não por figuras, e ele vê o semblante do Senhor” (Nm 12,8). Como castigo, Miriam foi acometida de lepra (provavelmente alguma doença que desfigurava a pele). Embora Aarão não fosse atingido, implorou para que ela fosse poupada. Moisés também intercedeu pela irmã rebelde. Mas o Senhor foi intransigente, e a doença durou sete dias, período durante o qual Miriam ficou fora do acampamento.

Um elemento na história que causa confusão é a explicação de que Miriam se revoltou porque Moisés se casara com uma cuchita, talvez uma núbia ou árabe. Alguns especialistas sugeriram que ela foi punida com a brancura da lepra porque fez objeção à pele preta da mulher. Mas a maioria dos biblistas acreditam que o tema essencial da insurgência de Miriam foi ganhar o direito de profetizar no nome do Senhor. Quando Miriam morreu, durante os anos em que vagavam pelo deserto, foi enterrada em Cades.

Em outros lugares da Bíblia, Miriam é lembrada como sendo igual aos seus irmãos, como quando o Senhor lembra aos hebreus: "Enviei diante de ti Moisés, Aarão e Miriam" (Mq 6,4). Segundo tradição não bíblica, ela, como os irmãos, morreu somente quando Deus a beijou, porque o anjo da morte era impotente diante dela. No tempo de Herodes, o Grande, o nome Miriam – a forma hebraica para Maria – foi comumente dado às judias, inclusive à mãe de Jesus e a várias outras mulheres no Novo Testamento.



NOEMI

HEBRAICO: NOOMI

“a querida”; “a graciosa”

Na época dos juízes, Noemi vivia em Belém com o marido Elimelec e os dois filhos, Maalon e Quelion. Mas a fome forçou a família a abandonar Judá e a migrar para Moab, a leste do Mar Morto. Depois da morte de Elimelec e dos filhos, que se casaram com rute e orfa, duas jovens da região, Noemi decidiu voltar para Judá, após ouvir que a fome em sua terra natal havia finalmente terminado.

Tendo recebido ordens de Noemi para ficar em Moab com suas famílias e encontrarem novos maridos, “Orfa abraçou sua sogra, mas Rute ficou em sua companhia” (Rt 1,14). Rute, viúva de Maalon, estava determinada a

acompanhar Noemi: “Onde for tua moradia será também minha... teu povo será meu povo, e teu Deus será meu Deus. Nem mesmo a morte”, prometeu solenemente Rute, “nos separará: onde morreres quero morrer e ser sepultada” (Rt 1,16-17).

As duas mulheres chegaram a Belém na época de colheita da cevada. Enquanto vasculhava o campo à procura das sobras, Rute encontrou um importante parente da família de seu marido chamado Booz. Seguindo o conselho de Noemi, Rute convenceu Booz a tomá-la como esposa para que as terras de Elimelec, que não podiam ser resgatadas por nenhuma das duas viúvas, permanecessem na família. Rute gerou Obed, mas as vizinhas disseram “Nasceu um filho a Noemi” (Rt 4,17). Booz, neste caso, foi um substituto não só do falecido marido de Rute, mas também de Noemi. Obed foi avô do rei Davi.



RAQUEL

HEBRAICO: RAHEL

"ovelha"

Em toda a Bíblia, há uma única cena em que um homem beija uma mulher. A cena aconteceu em Harã, na Alta Mesopotâmia, quando Jacó, filho de Isaac, encontra pela primeira vez sua prima Raquel. Depois que retirou a pedra da boca do poço e ajudou-a a dar de beber ao seu rebanho, "Jacó deu um beijo em Raquel e depois caiu em soluços" (Gn 29,11). Um mês depois ele pediu ao tio Labão que lhe desse Raquel em casamento. Mas Jacó era um fugitivo de Canaã e não tinha dinheiro para pagar o dote costumeiro. Então ele fez uma proposta a Labão: "Eu te servirei sete anos por Raquel, tua filha mais nova" (Gn 29,18).

Jacó estava fugindo para junto dos parentes de sua mãe, Rebeca, porque havia enganado o irmão mais velho, Esaú, interceptando a benção de seu pai, e Esaú jurara matá-lo. Além do mais, seus pais não queriam que Jacó se cassasse com uma cananeia, como fizera Esaú, e o haviam mandado para Padã-Aram, a Mesopotâmia, para a casa do avô Batuel com a incumbência de "escolher uma mulher de lá, entre as filhas de seu tio de Labão" (Gn 28,2).

Não parece ser coincidência o fato de Jacó ter sido enganado pelos sete anos de trabalho. Como em Canaã, quando ele vestiu as roupas do irmão e convenceu seu pai cego de que ele era Esaú, agora era a vez de Labão enganar Jacó. Ele cobriu Lia,a irmã mais velha, com o véu do casamento. Na manhã seguinte, depois de o casamento ter sido consumado, Jacó percebeu que havia se casado com Lia. Furioso, ele exigiu Raquel; no entanto, não tinha outra alternativa a não ser pagar o preço: outros sete anos de trabalho. Finda a semana de comemoração do casamento com Lia, Jacó recebeu permissão para se casar também com Raquel.

As duas irmãs tornaram-se ferrenhas concorrentes na luta pela afeição de seu marido, apesar de que Jacó "amou Raquel mais do que a Lia" (Gn 29,30). As duas desejavam fazer o que era esperado de uma mulher naquela época: conceber e dar à luz filhos, preferencialmente homens. Lia logo deu à luz Rúben, Simeão, Levi e Judá. No entanto, Raquel continuava estéril, e acabou recorrendo a ter dois filhos postiços, Dã e Neftali, por meio de sua escrava Bala. Mesmo assim, Raquel queria filhos seus. Muito mais tarde, Rúben, o filho mais velho de Jacó, cometeu adultério com Bala.

Raquel chegou mesmo a oferecer a Lia uma noite com Jacó em troca das "mandrágoras de seu filho" (Gn 30,14). A raiz dessa planta silvestre tem um formato muito semelhante ao de um ser humano, e os antigos atribuíam-lhe uma propriedade afrodisíaca. De fato, naquela noite Lia concebeu seu quinto filho, Issacar – embora Raquel continuasse estéril. Só depois de Lia dar à luz um sexto filho, Zabulon,e a uma filha, Diná, Raquel conseguiu gerar seu primeiro filho, que ela chamou de José, dizendo: "Deus retirou a minha vergonha" (Gn 30,23).

Mais tarde, quando Jacó levou toda a família de volta a Canaã, Raquel roubou os deuses da casa de seu pai, aparentemente porque achava que Labão a havia enganado ao negar-lhe um dote equivalente aos sete anos de trabalho de Jacó. Raquel morreu ao dar à luz seu segundo filho, cujo nome, Ben-Oni, significa "filho da minha dor"; mas Jacó mudou o nome da criança para Benjamim, que quer dizer "filho de bom augúrio", e o amou muito.

Raquel foi enterrada no caminho para Belém, e em seu túmulo uma estela foi erigida. Ela é a única representante das três primeiras famílias de patriarcas que não foi enterrada na caverna de Macpela, que Abraão comprou de Efron, o heteu, para servir de lugar de descanso eterno à sua mulher Sara.



REBECA

HEBRAICO: RIBQAH

possivelmente em lugar de birka*, "vaca"*

Abraão não queria que seu filho Isaac se casasse com uma cananeia e enviou seu servo mais fiel, possivelmente Eliezer, à Mesopotâmia, para procurar entre seus parentes uma nora. Com dez camelos carregados com valiosos presentes, ele chegou à cidade em que morava Nacor, o irmão de Abraão.

Estava ele descansando os camelos junto ao poço fora da cidade, esperando o sinal para saber qual seria a escolhida. Ela não só deveria concordar em lhe dar de beber, mas também deveria se oferecer para dar de beber aos camelos. Então veio Rebeca, que fez as duas coisas. Quando

ela se apresentou como a filha de Batuel, sobrinho de Abraão, o servo teve certeza de que ela era a esposa certa para Isaac. O servo era um estranho na região, que buscava uma esposa para o filho de 40 anos de seu senhor. Ao perguntar a Rebeca, ela se prontificou a cumprir seu pedido. Ela "ainda não era casada e era muito bonita" (Gn 24,16).

Tanto o pai de Rebeca como seu irmão Labão prontamente concordaram com o casamento, dizendo para o servo: "toma-a e parte, que ela seja a mulher do filho do teu senhor, conforme o Senhor disse" (Gn 24,51). A família queria que Rebeca ainda ficasse dez dias para se despedir e para os preparativos da partida, mas o servo insistiu em que eles deveriam partir na manhã seguinte.

Quando Rebeca viu Isaac pela primeira vez, cobriu o rosto com o véu, como devia fazer uma moça daquela época. Ele a introduziu na tenda de sua mãe "e ela se tornou sua mulher e ele a amou" (Gn 24,67).

Maternidade tardia

Durante a fome que houve na região, o casal mudou-se temporariamente para território filisteu, na parte ocidental de Canaã, aproximadamente 30 km do Mar Mediterrâneo. Rebeca era "tão bonita" (Gn 26,7), que Isaac teve medo que os homens pudessem querer matá-lo para se casar com ela. Então ele disse a todos que Rebeca era sua irmã. Certo dia, porém, o rei o flagrou acariciando-a e repreendeu-o pela mentira, mas depois deu ordens para que ninguém os tocasse.

Durante 20 anos de casamento Rebeca permaneceu estéril. Sob este aspecto, ela era igual a outras mulheres estéreis da Bíblia, que já mais velhas geraram filhos que foram destinados a grandes feitos: a mãe do próprio Isaac, Sara; Raquel, a mãe de José; Ana, mãe de Samuel; e Isabel, a mãe de João Batista. Rebeca gerou os gêmeos Esaú e Jacó somente depois de Isaac, aos 60 anos, ter rezado para que ela concebes-se. Isaac preferia Esaú, o caçador, e Rebeca preferia Jacó. Quando Isaac ficou mais velho, Rebeca planejou enganá-lo para que ele abençoasse Jacó e não Esaú, o filho mais velho. A benção transferia a chefia do clã e não podia ser desfeita após ter sido ministrada. Então, para poupar Jacó da ira do irmão, ela convenceu-o a fugir para Harã e ficar lá por algum tempo.

Não existem registros de que Rebeca tenha voltado a se encontrar com ele. No entanto, mãe e filho voltaram a se reunir no túmulo próximo ao

campo de Efron, “na gruta do campo de Macpela” (Gn 49,30).



RUTE

HEBRAICO: RUT

"companheira/amiga"

Rute, bisavó do rei Davi, é lembrada como uma doce heroína, apesar de ter corajosamente abordado o homem com quem queria se casar. Sua história, registrada no livro bíblico que leva seu nome, é a de uma viúva indigente que mais tarde voltou a se casar e gerou uma família de reis. O livro, de quatro capítulos, é um dos mais ricamente elaborados da literatura hebraica, passando de um suspense a outro antes de chegar a uma surpreendente conclusão. É bastante interessante o fato de que Rute não era hebreia. Numa nação que se orgulhava de ser a escolhida por Deus e de ser espiritualmente distinta das outras, ela era uma estrangeira

natural de Moab, país vizinho da Judeia, na região leste do Mar Morto.

A história, que a maioria dos biblistas afirma ter sido contada, de geração em geração, de boca em boca, antes de ser escrita, passou-se “no tempo em que os Juízes governavam” (Rt 1,1). A fome que se abateu sobre a Judeia fez com que um morador de Belém chamado Elimelec fosse para Moab em busca de alimentos. Ele levou consigo sua mulher, Noemi, e seus filhos, Maalon e Quelion. Depois que a família se estabeleceu em Moab, os filhos tomaram por esposas mulheres locais. Maalon casou-se com Rute e Quelion desposou Orfa. Mas em menos de dez anos os três homens morreram, deixando as viúvas sem filhos. Numa sociedade dominada por homens, mulheres sem pai, um marido ou filhos para cuidar delas poderiam passar necessidades rapidamente, pois tinham poucos direitos.

Lealdade e amor

Ao ouvir dizer que a fome na Judeia terminara, Noemi decidiu voltar para sua terra natal. Talvez tivesse pensado que seus parentes lhe dariam um lugar para viver. Mas certamente não acolheriam as três mulheres. Além disso, Noemi ressaltou que era muito velha para ter outros filhos, ainda que suas noras quisessem esperá-los crescer para se casarem com eles. Portanto, Noemi insistiu que Rute e Orfa voltassem para a casa de suas mães e procurassem outros maridos. A princípio as duas rejeitaram a ideia, mas depois que Noemi voltou a expor seus argumentos, Orfa concordou e se despediu chorando. Rute, porém, recusou-se terminantemente a deixar Noemi sozinha. “Para onde fores, irei também, onde for tua moradia, será também a minha; teu povo será meu povo e teu Deus será meu Deus” (Rt 1,16).

Quando as duas mulheres chegaram a Belém, toda a cidade mostrou-se solidária a Noemi, e, sem dúvida, admirada com a inabalável lealdade de Rute para com a sogra. Mas ninguém se ofereceu para acolhê-las.

Entretanto, de acordo com a lei mosaica, os pobres podiam coletar as sobras da colheita feita pelos ceifadores. A colheita da cevada estava no começo e Rute, então, decidiu ir atrás dos ceifadores, e acabou indo para o campo de Booz. O homem ouvira falar que Rute se recusara a abandonar Noemi, e imediatamente gostou dela. Ele até ordenou que os trabalhadores deixassem espigas extras para ela, e que ela não fosse molestada pelos homens. Quando Rute voltou para Noemi com quase um almude de cevada e contou o que acontecera, a sogra ficou radiante. Booz não era apenas um

vizinho simpático. Noemi lhe disse: “esse homem é nosso parente próximo, é um dos que tem sobre nós direito de resgate” (Rt 2,2). A Lei obrigava os homens a se casarem com a viúva de seu irmão, para ter filhos a fim de perpetuar o nome da família – e incidentalmente – reivindicar o patrimônio do falecido. Aparentemente, a regra poderia também ser estendida para outros parentes.

Tendo notado o interesse de Booz pela jovem viúva, Noemi aconselhou Rute a agir com rapidez. Rute deveria lavar-se, perfumar-se e vestir sua melhor roupa. Então deveria descer à eira onde Booz e os trabalhadores estavam joeirando a cevada. “Não te deixes reconhecer por ele, até que tenha acabado de comer e beber”, instruiu Noemi. “Quando ele for dormir, observa o lugar em que está deitado; então entra, descobre seus pés e deita-te; e ele te dirá o que fazer” (Rt 3,3-4).

Por mais audaciosa e incomum que tenha parecido a atitude de Rute, aparentemente Booz não se sentiu pressionado. Quando acordou no meio da noite e Rute lhe propôs: “Estende teu manto sobre tua serva, pois tens o direito de resgate” (Rt 3,9), Booz respondeu com compaixão. Ele lhe disse que a resgataria e que passasse a noite a seus pés e se levantasse antes do amanhecer para ninguém saber que ela estivera na eira. Mas durante essa conversa, Booz acrescentou um novo elemento de suspense. Ele disse a Rute que ele não era o parente mais próximo e que apenas a resgataria caso o outro parente decidisse não fazê-lo. Embora esse homem não identificado tivesse direito de resgate sobre ela, ele decidiu não exercer tal direito.

Booz casou-se com Rute e juntos tiveram um filho, Obed, pai de Jessé e avô de Davi. Numa das últimas cenas do livro, Noemi segura o neto no colo e lhe serve de ama. E as mulheres do povoado exaltam Rute porque amava Noemi e valia para ela mais do que sete filhos, um número simbólico da perfeição. Essas mesmas mulheres deram à criança o nome de “consolador de Noemi” (Rt 4,15). Mil anos mais tarde, Jesus, um descendente de Obed, nasceu em Belém, conforme o primeiro capítulo do Evangelho de Mateus. Ele cita apenas quatro mulheres na genealogia. Rute é uma delas.

Estudiosos da Bíblia não sabem ao certo quem é o autor do livro de Rute. Tampouco sabem quando e porque ele foi escrito. Uma hipótese difundida é que o livro tenha sido compilado entre os séculos X a.C. e VIII a.C., logo após o tempo de Davi, e que tenha sido escrito com o objetivo de rastrear sua linhagem. Entretanto, provavelmente a história foi preservada por diversas razões. Uma delas pode ter sido permitir que as futuras gerações aprendessem com o exemplo inspirador do amor de Rute por

Noemi. Os judeus atualmente ainda honram Rute ao reler sua história na Festa das Semanas, que todos os anos marca o fim da colheita de trigo.



SARA

HEBRAICO: SARA

"princesa"

Justificando a etimologia de seu nome, Sara foi a primeira matriarca do que viria a se transformar na nação judaica, que produziu reis tão estimados como Davi. Mas seu comportamento nem sempre foi régio. Por duas vezes escondeu sua identidade e, por este motivo, ela primeiramente foi parar no harém do faraó e, depois, na casa de um chefe local.

Na primeira vez em que aparece na Bíblia, Sara é apresentada como Sarai, a mulher estéril de Abrão (Abraão) com quem este se casou em Ur, na atual região sul do Iraque. No decorrer da narrativa, Abraão a identifica como sua meia-irmã, "filha de meu pai, mas não filha de minha mãe" (Gn

20,12). Quando o casal foi para Canaã, Abrão contava 75 anos e Sarai, 66. Embora ainda não tivessem filhos, Deus prometeu: “Farei de ti um grande povo” (Gn 12,2).

Quando chegaram a Canaã, entretanto, a fome os levou a buscar refúgio no Egito. Lá Abrão fez com que as pessoas acreditassem que ele e Sara eram apenas irmãos, porque Sarai era tão bela que Abrão ficou receoso de que algum egípcio poderoso pudesse matá-lo para apoderar-se dela. Sarai de fato foi levada ao harém do faraó. Deus feriu o faraó e sua família com doença e revelou que Sarai era mulher de Abrão. O faraó mandou o casal com muitos presentes sair de seu território.

Os dois usaram o mesmo artifício, algum tempo depois, quando foram para Gerara, cidade na fronteira ao norte do Deserto de Neguev. O rei Abimelec trouxe Sarai para sua casa, mas a verdade lhe foi revelada num sonho. Outra vez Sarai foi poupada do pecado de adultério, e o casal recebeu muitos presentes, talvez porque Deus tenha revelado ao rei que Abrão era um “profeta” (Gn 20,7).

Como Sarai permanecesse sem filhos, ela deu a Abrão a serva Agar, para que pudesse ter um herdeiro. Quando a escrava ficou grávida, Sarai a expulsou de casa. Mas Agar voltou e gerou a Abrão o filho Ismael. Anos mais tarde, Deus fez uma aliança com Abrão e prometeu-lhe uma “descendência sem limites” (Gn 17,2). Como sinal dessa aliança, Ele mudou o nome de Abrão para Abraão e de Sarai para Sara. Deus prometeu também que dentro de um ano eles teriam um filho. Sara não acreditou e “pôs-se a rir no seu íntimo” (Gn 18,11). Ela deu à luz Isaac. Para garantir a herança dele, convenceu Abraão a expulsar Agar e seu filho Ismael.

Sara viveu até os 127 anos e foi enterrada na gruta de Macpela, perto de Hebron, que Abraão tinha comprado de Efron, filho de Het, para seu descanso final. Foi citada pelo apóstolo Pedro como modelo de esposa, porque “foi obediente a Abraão, chamando-o de senhor” (1Pd 3,6).

MULHERES ESTÉREIS

No antigo Egito e em Israel, as crianças, especialmente os meninos, eram vistos como presentes de Deus, em geral uma recompensa por uma vida honrada. Na época, uma mulher que não pudesse ter filhos parecia estar marcada pela desaprovação divina e podia ser repudiada com desprezo por uma esposa rival. É impressionante como muitas mães

importantes na história hebraica são descritas inicialmente como estéreis. Em cada um dos casos, entretanto, Deus interviu milagrosamente para dar um filho a quem estava destinada a preservar ou ajudar seu povo.

Sara teve de esperar até os 91 anos para gerar Isaac. Rebeca, a mulher de Isaac, era estéril até que Deus atendeu às preces de seu marido e lhe deu gêmeos. Raquel, esposa de Jacó (um dos gêmeos de Rebeca), mais tarde deu à luz José, o menino destinado a salvar sua família da fome, bem como todo o Egito. Também tiveram filhos na velhice a mãe de Sansão e Ana, a mãe de Samuel.

No Novo Testamento, um anjo falou ao sacerdote Zacarias que Isabel, sua esposa idosa, milagrosamente conceberia um filho. Essa criança foi, mais tarde, chamada João Batista.